

O espectro que ronda o agora¹

Gabrielle Granadeiro da SILVEIRA²
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

Há mais de 170 anos, Karl Marx e Friedrich Engels relacionaram fantasmagoria e trabalho ao iniciarem seu “Manifesto Comunista” dizendo que “um espectro ronda a Europa” (MARX; ENGELS, 2005, p. 39). Este artigo busca trazer tal relação para a contemporaneidade, especialmente no que tange às novas relações de trabalho, o chamado trabalho imaterial. Ele parte de uma conceituação teoria sobre o que seriam as assombrações, sua relação com a comunicação e seu papel nos estudos de subalternidade para demonstrar que Marx e Engels seguem mais atuais que nunca.

PALAVRAS-CHAVE: espectros e comunicação; trabalho imaterial; precarização do trabalho.

1. Introdução

Há mais de 170 anos, Karl Marx e Friedrich Engels começaram seu “Manifesto Comunista” dizendo que “um espectro ronda a Europa” (MARX; ENGELS, 2005, p. 39). Hoje também podemos dizer que há espectros rondando o nosso mundo, agora mais amplo que os limites geográficos impostos pela Europa. Desta vez, não se trata somente do espectro do comunismo, embora países chefiados por líderes direitistas tentem o tempo todo invocá-lo como justificativa para medidas impopulares ou parte de suas estratégias de desinformação³. Somos assombrados por um cenário bem mais assustador e visível: o desemprego e a fome. No final de 2021, de acordo com os dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), eram 13,5 milhões de pessoas desempregadas apenas no Brasil⁴. Mesmo sendo um número alto, era o menor valor divulgado pelo órgão desde o início de 2020, antes de a pandemia de Coronavírus chegar ao país. Até as pessoas empregadas tiveram queda em seus rendimentos reais, estando muitas delas em subempregos ou empregos informais (sem carteira assinada). É

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Trabalho, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UERJ, e-mail: gabishtar@gmail.com.

³ Ver em <https://cutt.ly/YIqeyka> ou <https://cutt.ly/TIqead>.

⁴ Detalhes na matéria <https://cutt.ly/sIqYGZA>.

o desemprego – ou o subemprego, como já mencionado – um dos principais responsáveis pela fome, mas não o único. Isso porque muitos alimentos básicos, como o arroz e o feijão, tiveram altas consideráveis de preços nos últimos dois anos⁵. Durante a pandemia se tornaram famosas as imagens de pessoas entrando em filas para conseguir doações de ossos bovinos, já que não conseguiam mais comprar carne para se alimentarem. Quem compra, opta por pés de galinha como uma opção mais viável financeiramente. A Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Penssan⁶) fala em 19,1 milhões de brasileiros com fome em 2020, quase o dobro de 2018 (10,3 milhões). Os números mais atualizados, disponibilizados por um relatório da ONU (Organização das Nações Unidas) publicado em dezembro de 2021⁷, abrangem toda a América Latina e falam em 59,7 milhões de famintos na região, além de 267 milhões em situação de insegurança alimentar (têm acesso a alimentos, mas não de forma adequada e nem constante). Embora os dois últimos anos tenham agravado bastante a situação, tanto o relatório da ONU quanto o da Penssan apontam que o quadro é um retrocesso de cerca de 15 anos.

Quando Marx e Engels falavam sobre o espectro que assombrava a Europa, mencionavam-no como algo contra o qual seus inimigos conjuravam, conspiravam e que ainda assim era reconhecido como força por tais inimigos: as potências da Europa. Ainda assim, descreviam tal espectro como uma lenda contra a qual os comunistas de verdade deveriam se insurgir, o que propunham que pudesse ser feito através do próprio manifesto. Mas será que o fantasma do desemprego pode ser considerado apenas uma lenda, uma assombração imaterial, podendo causar um quadro tão devastador de fome como o apresentado? Aliás, o que exatamente são espectros, assombrações e fantasmas e qual a relação que eles podem ter com o trabalho? Os objetivos deste trabalho são, a partir da afirmação de Marx e Engels, entender um pouco sobre os estudos relacionados a fantasmagoria e comunicação, verificar se é possível relacioná-los com as relações de trabalho presentes em nossa sociedade e, em caso afirmativo, apontar de que forma pode ser feita tal relação.

⁵ 56% de aumento no arroz e 71% no feijão, de acordo com matéria realizada pelo telejornal Fantástico, em julho de 2021 (<https://cutt.ly/rIqOdHF>).

⁶ Como mencionado pela BBC em <https://cutt.ly/eIqP1wN>.

⁷ Em <https://cutt.ly/XIqAkna>.

2. Assombrações e fantasmas

De acordo com o dicionário Oxford, um espectro seria uma “suposta aparição de um defunto, incorpórea, mas com sua aparência, um fantasma”⁸. Já uma assombração seria “um sentimento de terror causado por coisas que não se pode explicar e que frequentemente são interpretadas como sobrenaturais”⁹. Estas definições vão ao encontro do historiador Cícero Joaquim dos Santos, do grupo de pesquisa “Imagens da Morte – a morte e o morrer no mundo Ibero-Americano”, que também fala sobre aparições e assombrações como sendo conceitos diferentes. Para ele, “nem toda aparição diz respeito a uma assombração, bem como nem toda assombração diz respeito à aparição de mortos”, ainda que esta seja vista como o morto que aparece para assombrar (2021). Para o pesquisador, assombração acaba sendo “um grande guarda-chuva para diferentes criaturas e seres que são projetados dentro desse terreno no assombroso” (Idem) não necessariamente sendo apenas os mortos. Os mortos, por sua vez, poderiam aparecer sob diferentes formas, tanto visuais, quanto sonoras ou mesmo táteis, que neste caso fica em desacordo com a definição do dicionário de que o fantasma é incorpóreo.

Interpretando as colocações de Santos, de que o fantasma ou o espectro seria algo morto, que já viveu, poderíamos interpretá-lo como um ser que pertence ao passado, embora tente se manter no presente de alguma outra forma. Isso se torna bastante curioso quando lembramos do filósofo Mark Fisher, que de forma complementar não coloca o passado, mas o futuro como uma assombração: “O futuro é sempre experienciado como uma assombração: como uma virtualidade que já se choca com o presente, condicionando expectativas e motivando a produção cultural” (FISHER, 2012, p. 16)¹⁰. Quando ele cunhou o termo “Hauntologia” buscava se referir ao futuro como uma assombração, como algo que morreu mesmo sem ter vivido, como a presença (não totalmente presente) de uma ausência que não aconteceu e, possivelmente, não vai acontecer: “O que é importante sobre a figura do espectro, então,

⁸ Ver <https://cutt.ly/WIqNHOq>.

⁹ Consultado em <https://cutt.ly/YIqMssT>.

¹⁰ As traduções do texto de Mark Fisher são da autora. No original: “The future is always experienced as a haunting: as a virtuality that already impinges on the present, conditioning expectations and motivating cultural protection”.

é que ele não pode estar totalmente presente: ele não tem existência em si mesmo, mas marca uma relação com o que não é mais ou não é ainda” (Idem, p. 19)¹¹.

Outro trabalho que pode ajudar a entender um pouco melhor sobre a questão das assombrações e fantasmas/espectros é o da socióloga Avery Gordon, que entende as assombrações não como um resquício do que já morreu ou do que não está totalmente presente porque pertence a um futuro que pode não acontecer, mas como um elemento constituinte da vida social moderna, uma lembrança do que alguém tentou esconder ou apagar. Para a autora,

assombração é uma forma na qual sistemas abusivos de poder se fazem conhecidos e seus impactos sentidos na vida cotidiana, especialmente quando eles estão supostamente superados (escravidão, por exemplo) ou quando sua natureza opressiva é negada (como no trabalho livre ou segurança nacional). (...) Assombração e a aparição de espectros ou fantasmas é uma forma, como tentei sugerir, pela qual somos notificados de que o que foi ocultado está muito vivo e presente, interferindo precisamente naquelas formas de contenção e repressão sempre incompletas e incessantemente direcionadas contra nós (GORDON, 2008, p. XVI)¹².

Assim como na definição do dicionário, ela entende a assombração como um sentimento, mas não um sentimento de terror, apenas uma perturbação, a inquietação de algo que está clamado para retornar, a “sociabilidade de viver com os fantasmas” (Idem, p. 201). Por isso um fantasma nunca aparece à toa, ele sempre está fazendo contato com a pessoa, trazendo uma mensagem que mostra que as fronteiras entre o social e o individual são errôneas, inexistentes, confusas. Como ela explica, assombração é uma forma de questionar “como transformar a sombra de uma vida em uma vida intacta da qual as sombras tocam suavemente no espírito de uma reconciliação pacífica” (Idem, p. 208). De acordo com tal interpretação, o fantasma vai além de ser a suposição da aparição de um defunto, mas pode ser considerado um questionamento do fim;

não é apenas uma pessoa morta ou desaparecida, mas uma figura social, e investigá-lo pode levar àquele denso local em que a história e a subjetividade fazem a vida social. O fantasma ou a aparição é uma forma pela qual algo perdido, ou rudimentarmente visível, ou aparentando não estar lá para nossos

¹¹ No original: What is important about the figure of the specter, then, is that it cannot be fully present: it has no being in itself but marks a relation to what is no longer or not yet”.

¹² As traduções do texto de Avery Gordon são de tradução da autora do artigo. No original: “haunting is one way in which abusive systems of power make themselves known and their impacts felt in everyday life, especially when they are supposedly over and done with (slavery, for instance) or when their oppressive nature is denied (as in free labor or national security). (...) Haunting and the appearance of specters or ghosts is one way, I tried to suggest, we are notified that what's been concealed is very much alive and present, interfering precisely with those always incomplete forms of containment and repression ceaselessly directed toward us.”

olhos supostamente bem treinados, se faz conhecido ou aparente para nós, de sua própria forma, claro (Idem, p. 8)¹³.

Elas, aliás, elenca três características através das quais a assombração se apresenta e que a ajudam em seus estudos de assombração. A primeira é que o fantasma tem uma relação com o local ou esfera que assombra, o que é uma relação de materialidade bastante curiosa se pensarmos no fantasma como um ser caracterizado principalmente por sua imaterialidade. A segunda característica é que o fantasma é principalmente um sintoma do que está faltando, uma perda, e por demonstrar essa ausência pode ser também uma esperança ou possibilidade futura. Essa relação com o futuro relembra a de Fisher, mas enquanto a do autor fala sobre um futuro que não será, aqui o fantasma é sobre um futuro que pode ser. Por fim, e nesse caso em desacordo tanto com Santos como com o próprio dicionário, Gordon entende o fantasma não como algo morto, mas como algo vivo como o qual nos relacionamos e que tem “desígnios sobre nós de tal forma que devemos contar com ela graciosamente, procurando oferecer-lhe uma memória hospitaleira por preocupação com a justiça (Idem, p. 63-64)”. Ou seja, o fantasma quer falar para causar uma mudança mais efetiva a partir do presente. É por isso que ela conclui que “o fantasma aterroriza, mas te dá algo que você deve tentar por si mesmo” (Idem, p. 135). Como mostram os estudos que ela faz a partir das histórias dos escravos recém-libertos nos Estados Unidos no século XIX e das mães de desaparecidos da ditadura argentina da década de 1970, ambos a partir das obras de ficção “Amada”, de Toni Morrison, e “He Who Searches”, de Luiza Valenzuela, respectivamente, o maior desafio em se trabalhar com fantasmas reside no fato de serem “o espectro do que o Estado vem tentando reprimir” (Idem, p. 127).

3. Mídia e fantasmas

Em um artigo sobre a relação entre mídia e os filmes de terror, especialmente no cinema Oriental, o pesquisador Erick Felinto começa dizendo que “todo fantasma é um aparato comunicacional. Moldado pelo material flexível e etéreo do ectoplasma, o fantasma é uma tecnologia de comunicação eficaz que conecta nossa realidade com o mundo do além (FELINTO, 2006, p. 11)”. Ou seja, ele vai além de dizer que o fantasma é um ser que tenta se comunicar, colocando o fantasma não como um emissor, mas

¹³ No original: The ghost is not simply a dead or a missing person, but a social figure, and investigating it can lead to that dense site where history and subjectivity make social life. The ghost or the apparition is one form by which something lost, or barely visible, or seemingly not there to our supposedly well-trained eyes, makes itself known or apparent to us, in its own way, of course

como um meio, um canal, se pensarmos em estruturas tradicionais como as propostas por Shannon, Weaver¹⁴ ou Laswell¹⁵, no início do século XX. Ao usar o termo “aparato comunicacional”, Felinto se encontra com posições defendidas pelos teóricos das materialidades da Comunicação, que preferem vislumbrar tal processo de forma mais geral, levando em conta seus agenciamentos, e não apenas focando em partes da estrutura¹⁶. A fala é muito semelhante ao posicionamento de Friedrich Kittler, citado por Jussi Parikka, para quem a “fantasmagoria da mídia era um índice de como a comunicação abandonou o corpo humano”, o que motivou a “retomada de trabalhos midiáticos de fantasmas e aliens como arqueologias das condições técnicas da mídia” (PARIKKA, 2012, p. 61).

Mas quem de fato se aprofundou nesta relação entre a comunicação e o fantasma foi o historiador de mídia Jeffrey Sconce, que estudou a relação entre as mídias eletrônicas e o fantasma a partir do surgimento da telegrafia¹⁷ e do espiritismo, no século XIX. Para ele, as mídias eletrônicas, a partir do telégrafo,

possibilitaram uma estranha forma de desincorporação, permitindo ao sujeito da comunicação a habilidade, real ou imaginada, de deixar o corpo e transportar sua consciência a um local distante. Em versões mais extremas desta fantasia tecnológica, o corpo inteiro pode ser eletronicamente dissolvido e teleportado através de tecnologias de telecomunicação (SCONCE, 2000, p. 8)¹⁸.

Por isso, os contos que relacionam paranormalidade e mídia são importantes “não como expressões atemporais de alguma superstição eletrônica imortal, mas como uma linguagem permeável através da qual expressar as mudanças nas relações sociais de

¹⁴ Para informações sobre tal teoria ver <https://cutt.ly/sIrVW84>.

¹⁵ Sobre o modelo de Laswell, conferir <https://cutt.ly/GlrCjKl>.

¹⁶ Ver, por exemplo, Vinícius Pereira e seus arranjos midiáticos em “Comunicação na Era Pós-Mídia: Tecnologia, Mente, Corpo e Pesquisas Neuromidiáticas”.

¹⁷ O telégrafo pode ser considerado o antecessor do telefone e pode ser considerada a primeira forma de comunicação instantânea a distância, sendo muito utilizado na Primeira Guerra Mundial. A comunicação se dava a partir de mensagens cifradas utilizando como base o Código Morse, sequências de linhas e pontos, também criado pelo inventor do aparelho. Na Segunda Guerra Mundial o aparelho também foi utilizado, mas desta vez dividindo as atenções com outras tecnologias, como a do rádio. Para mais informações sobre o telégrafo, ver <https://cutt.ly/IIirG34>.

¹⁸ As traduções de Sconce são da autora. No original: “In the first fiction, these media enable an uncanny form of disembodiment, allowing the communicating subject the ability, real or imagined, to leave the body and transport his or her consciousness to a distant destination. In more extreme versions of this technological fantasy, the entire body can be electronically dissolved and teleported through telecommunications technology”.

uma cultura em uma sequência histórica de tecnologias¹⁹” (Idem, p. 10). Da mesma forma que esta nova tecnologia possibilitava o contato com quem estava geograficamente distante, eles acreditavam que ela possibilitasse o contato com outros “planos”, como o plano espiritual, e mesmo com outros planetas e galáxias. Como continua o autor, “contos fantásticos de presença nas mídias, neste caso, enfatizaram os poderes extraordinários da tecnologia e sugeriram que sua aplicação racional os levaria eventualmente a cruzar limites de tempo e espaço ainda mais incríveis²⁰” (Idem, p. 10). Ou seja, por não saber onde as fronteiras da tecnologia poderiam levá-los, eles sonharam que ela poderia levá-los a qualquer lugar.

Na mesma época, como a fé espírita acreditava nas tentativas de contato entre vivos e mortos, não foi difícil compreender a ligação entre este tipo de espiritualidade e o telégrafo. Os próprios criadores de algumas destas tecnologias de comunicação eletrônicas acreditavam na possibilidade de seus aparatos romperem a barreira da vida após a morte com o que ficou conhecido como telégrafo espiritual. “Mais do que uma metáfora, o telégrafo espiritual foi para muitos uma real tecnologia do pós-vida inventada por gênios científicos do mundo dos mortos com o propósito explícito de instruir a terra dos vivos nos princípios de uma reforma utópica²¹” (Idem, p. 12)”. No entanto, entre os praticantes desta crença, a comunicação se dava através de um médium, uma pessoa que canalizava, transmitia a mensagem, dava voz aos desejos de expressão do fantasma que tentava se comunicar. Na maioria das vezes, o médium era uma mulher, principalmente mulheres jovens – havia preferência por adolescentes – e mesmo quando um homem fazia o papel do telégrafo espiritual era dito que ele incorporava qualidades femininas para possibilitar esta comunicação com o além. A mediunidade feminina podia ser explicada principalmente porque sua mente era considerada mais religiosa e mais plástica, ou seja, mais suscetível a alterações. Não se pode esquecer que a mulher costuma estar ligada à questão das emoções, supostamente tendo um lado mais sentimental que racional, o que também pode ajudar a explicar sua

¹⁹ No original: “Tales of paranormal media are important, then, not as timeless expressions of some undying electronic superstition, but as a permeable language in which to express a culture’s changing social relationship to a historical sequence of technologies”.

²⁰ No original: “Fantastic accounts of media presence in this case emphasized the extraordinary powers of the technology itself and suggested that its rational application would eventually lead to cross ’ Introduction ing ever more incredible boundaries of time and space”.

²¹ No original: “More than a metaphor, the spiritual telegraph was for many an actual technology of the afterlife, one invented by scientific geniuses in the world of the dead for the explicit purpose of instructing the land of the living in the principles of utopian reform”.

sensibilidade maior a uma comunicação com os mortos. Como também lembra o autor, as pessoas acreditavam que “se a comunicação com os mortos fosse possível (...), as mulheres, tendo trazido a vida ao mundo através de sua ‘economia reprodutiva receptiva’, seriam as candidatas mais prováveis a trazerem espíritos de volta à vida do plano mortal através de sua ‘sensibilidade exótica’²² (Idem, p. 47)”.

Um ponto importante que esse telégrafo espiritual nos deixa perceber é que, da mesma forma que o aparato eletrônico conseguia permitir a comunicação entre longas distâncias geográficas, sua versão espírita também possibilitava a comunicação entre longas distâncias sociais. Isso porque, a partir do momento em que as mulheres foram consideradas um canal de comunicação entre os vivos e os mortos, se tornavam uma mídia, elas poderiam usar essa mídia também para se fazerem ouvidas, para galgarem algum espaço na sociedade. Como menciona Sconce, como eram meros canais e poderiam não estarem falado por si mesmas, “mulheres ‘médiuns’ e ‘falantes em transe’ conseguiram levantar questões feministas e debatê-las livremente sem necessariamente desafiar a ordem social (Idem, p. 49)²³”. Ou seja,

o espiritismo como movimento explorou o intrínseco mistério das telecomunicações eletrônicas para tornar possíveis novos meios e formas de discurso político. Médiuns exploravam a indeterminação da presença eletrônica da telegrafia para ‘jogar sua voz’ tanto física quanto politicamente em uma forma mais complexa de ventriloquismo (p. 50)²⁴.

Por isso, um comentarista do espiritismo, Frank Podmore, chegou a propor que os “fantasmas não eram espíritos dos mortos, mas produto de ‘alucinações telepáticas’ entre mentes simpáticas (p. 76)²⁵”. Ou seja, “a telegrafia espiritual deu voz a existências anteriormente ‘invisíveis’, sejam elas de fantasmas ou mulheres, cujas consciências poderiam fluir através do fio mágico do médium para a arena pública material (p.

²² No original: “If communication with the dead were possible, reasoned most, then women, having brought life into the world through their ‘receptive reproductive economy,’ would be the most likely candidates for bringing the living spirits back onto the mortal plain through their ‘exquisite sensitivity.’”

²³ No original: “Within the context of Spiritualism’s model of electronic presence, women ‘mediums’ and ‘trance speakers’ were able to raise feminist issues and debate them freely without necessarily challenging directly the overall social order”.

²⁴ No original: “Spiritualism as a movement exploited this intrinsic mystery of electronic telecommunications to make possible both new means and new forms of political discourse. Mediums exploited the indeterminacy of telegraphy’s electronic presence to “throw their voice” both physically and politically in a most complex form of ventriloquism”.

²⁵ No original: “In 1921 Frank Podmore, another prominent commentator on Spiritualism, proposed a theory that ghosts were not spirits of the dead, but the product of ‘telepathic hallucinations’ between sympathetic minds”.

14)²⁶”. Mais uma vez temos aqui a figura do fantasma como um ser que tenta falar, que tenta ter voz, que tenta se fazer presente, ainda que tenha dificuldades em conseguir, remetendo ao subalterno da filósofa indiana Gayatri Spivak.

Ela explica que os subalternos são “as camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante (SPIVAK, 2010, p. 12)”. O grande questionamento da autora é que, embora estas classes sejam, frequentemente, assunto de muitas pesquisas, dificilmente tais pesquisas deixam seus “objetos” terem voz, fazendo com que a produção intelectual do Ocidente seja, “de muitas maneiras, cúmplice dos interesses econômicos internacionais do Ocidente (Idem, p. 20)”. Ao invés disso, os intelectuais, sobretudo os europeus, representam o que consideram serem os subalternos, como se eles fossem uma coisa unificada, como se não incluíssem dentro de si camadas diversas de subalternidade, de identidade, e com isso reforçando o discurso colonial. Como exemplo ela cita o caso das mulheres, que estariam ainda mais profundamente na obscuridade que outros sujeitos subalternos no contexto da produção colonial. Como ela detalha,

Ao buscar aprender a falar ao (em vez de ouvir ou falar em nome do) sujeito historicamente emudecido da mulher subalterna, o intelectual pós-colonial sistematicamente “desaprende” o privilégio feminino. Essa desaprendizagem sistemática envolve aprender a criticar o discurso pós-colonial com as melhores ferramentas que ele pode proporcionar e não apenas substituindo a figura perdida do (a) colonizado(a). Assim, questionar a inquestionável mudez da mulher subalterna mesmo no projeto anti-imperialista dos estudos subalternos não é, como sugere Jonathan Culler, ‘produzir a diferença ao diferir’ ou ‘invocar(...) uma identidade sexual definida como essencial e privilegiar experiências associadas a essa identidade’ (Idem, p. 88).

Sendo a autora, não apenas uma indiana, país colonizado por uma potência europeia e por isso podendo se encaixar no grupo de subalternos, mas principalmente uma mulher pesquisadora, ela entende a importância de compreender o subalterno – neste caso a mulher – não como um ser que precisa de proteção, mas como um ser que pode se defender e, mais que isso, que pode falar sobre si, que pode desenvolver sua própria intelectualidade.

É curioso, ainda que não apenas uma coincidência, o fato de Spivak falar sobre o subalterno como um ser que precisa se expressar, e Sconce lembrar das médiuns que

²⁶ No original: “Conceptually energized by Morse’s new technology, spiritual telegraphy gave voice to previously ‘invisible’ beings, be they ghosts or women, whose consciousness could flow through the medium’s magical wire and into the public world’s material arena”.

usavam seu papel como canal de comunicação entre vivos e mortos também para criar um espaço de fala na sociedade. O que nos parece, e que se aproxima bastante dos trabalhos de Avery Gordon, é que é possível sugerir que os subalternos e suas trajetórias também são fantasmas.

4. Trabalho e fantasma

Em seu texto sobre os subalternos, Spivak cita uma passagem de Foucault que diz que “tornar visível o que não é visto pode também significar uma mudança de nível, dirigindo-se a uma camada de material que, até então, não tinha tido pertinência alguma para a história e que não havia sido reconhecida como tendo qualquer valor moral, estético ou histórico (FOUCAULT apud SPIVAK, 2010, p. 61)”. De forma semelhante, Marx e Engels falam de como “os homens são obrigados finalmente a encarar sem ilusões a sua posição social e as suas relações com os outros homens (MARX; ENGELS, 2005, p. 43)”. Ambas parecem demonstrar a importância das assombrações no sentido de Gordon, de perturbação, de como ver e ouvir os fantasmas e, mais que isso, se reconhecer como fantasma pode ser importante. Como o estudo sobre Spivak mostrou, os fantasmas são subalternos. Não estão apenas relacionados com uma memória do passado ou com uma esperança – ou não-esperança, de acordo com Fisher – do futuro, mas são fantasmas no presente. O trabalhador é um fantasma, mas não sabe que é um fantasma, por isso a necessidade de ser assombrado. Como diz a própria autora indiana, apoiando-se em Althusser,

a reprodução da força de trabalho requer não apenas uma reprodução de suas habilidades, mas também e ao mesmo tempo, uma reprodução de sua submissão à ideologia dominante por parte dos trabalhadores, e uma reprodução da habilidade de manipular a ideologia dominante corretamente por parte dos agentes de exploração e repressão, de modo que eles também venham a prover a preponderância da classe dominante ‘nas e por meio das palavras (par la parole)’ (ALTHUSSER apud SPIVAK, p. 26-27).

Essa reprodução da submissão pode ter sido feita pelos meios de comunicação, por mídias como o rádio ou a TV em outras épocas, mas levando-se em conta que atualmente nós somos os meios de comunicação, estamos em constante agenciamento com eles através dos “aparatos comunicacionais” de Felinto ou os “arranjos midiáticos” de Pereira, devido à existência da internet e à ubiquidade de seus suportes materiais, podemos dizer que o trabalho nunca acaba, que a submissão às forças dominantes nunca deixa de ser reproduzida, que trabalhamos de forma até inconsciente.

No trabalho que associa os fantasmas e as mídias eletrônicas, Sconce chega a citar, entre os muitos contos ficcionais que relacionam de forma aterrorizante algumas dessas mídias, no caso a TV, um que fala sobre uma produção televisiva que anuncia o “primeiro uso comercial de hipnose consilina em atores”. Através de tal técnica, uma droga seria injetada em atores para fazê-los acreditar que eles eram os personagens que estavam interpretando. Isto é, por acreditarem estarem vivendo, os atores seriam quimicamente hipnotizados para trabalharem de forma inconsciente, mesclando sua vida e seu trabalho, trabalhando sem perceber. Essa ficção parece muito real nos dias atuais, se pensarmos que vivemos a realidade do trabalho imaterial. Como explicam os italianos Maurizio Lazzarato e Antonio Negri, que cunharam e destrincharam o uso do termo no início da década de 1990, a produção é de relação social e a matéria prima é a subjetividade – sendo que hoje poderíamos pensar em tal subjetividade traduzida por dados. No trabalho imaterial não existe um horário de expediente ou um ambiente de trabalho, não porque as pessoas vão deixar de trabalhar, mas porque vão trabalhar o tempo todo, ainda que não percebam: “Se não se vê mais a fábrica, não é porque desapareceu, mas porque se socializou, e neste sentido tornou-se imaterial; de uma imaterialidade que continua assim mesmo a produzir relações sociais, valores, lucros” (LAZZARATO; NEGRI, 2001, p. 60).

Essa questão da inexistência de um horário controlado para trabalhar também foi abordada por Fisher em seu trabalho sobre a Hauntologia. Ao analisar o filme “O iluminado”²⁷, ele elenca como principal assunto do filme o “tempo fora de controle”. O filme conta a história de Jack, um escritor que aceita um emprego como zelador em um hotel, que posteriormente descobre ser assombrado, de acordo com visões do filho do personagem principal. O fato de os personagens serem apresentados através de suas profissões – escritor/zelador/cozinheiro, de Jack estar imerso em um ambiente de trabalho – o hotel – que posteriormente o fará enlouquecer, já demonstra o interesse de Fisher em relacionar trabalho e assombração. Mas, além disso, ele escancara suas intenções ao lembrar que

o filme foi lançado em um momento limiar da História dos Estados Unidos e Reino Unido²⁸, quando o neoliberalismo e o neoconservadorismo haviam acabado de assumir a dominância, e a organização da produção industrial

²⁷ Mais sobre o filme em <https://cutt.ly/RIi6LGX>.

²⁸ Ano do filme: 1980.

fordista estavam diminuindo em favor de mais precárias – e alguns disseram imateriais – formas de trabalho (FISHER, 2012, p. 20)²⁹.

Sobre a questão de trabalhar sem perceber, o tema do mesmo modo foi abordado pela ficção do final dos anos 1990 com o filme “O Show de Truman³⁰” – que retrata a vida de um vendedor de seguros que acaba descobrindo que toda sua vida é uma farsa, que ele é rodeado de atores e monitorado desde o nascimento, trabalhando para uma emissora de TV sem se dar conta disso -, e mais recentemente na série “Westworld³¹” – um parque de diversões em que andróides ficam à disposição de sofrerem todos os tipos de violência que possam ser perpetrados por humanos sem se darem conta de que não estão vivendo aquela realidade, mas trabalhando naquele espaço. Poderíamos até pensar em um terceiro exemplo ficcional, desta vez voltado para crianças: a animação “Detona Ralph³²”. Embora, neste caso, os personagens tenham consciência de sua condição de se tratarem de parte de um jogo, eles diariamente repetem suas rotinas de trabalho para o entretenimento de alguém, no caso, da criança que está “jogando o jogo”. O fato de se tratar de um programa de entretenimento no primeiro caso, um parque de diversões no segundo e um videogame no terceiro é muito curioso, porque a forma mais recente de criar essa hipnose em que os trabalhadores não percebem que estão trabalhando, na vida “real”, é através das plataformas de trabalho, que criam ambientes semelhantes aos de jogos eletrônicos³³. Na ficção são casos em que alguém é escravizado – seja uma pessoa, um robô ou mesmo um “dado”, no caso do videogame – para divertir um terceiro. Se pensarmos que os trabalhadores das plataformas também são, em sua grande maioria, trabalhadores subempregados, sem direitos trabalhistas e, por vezes, sendo submetidos a jornadas de trabalho superiores à permitida pela Legislação, não se torna tão absurdo esse paralelo entre o trabalhador imaterial e a escravidão. Os escravos são fantasmas, de acordo com Gordon, e o que percebemos até agora é que os trabalhadores da atualidade parecem que também o são.

²⁹ No original: “The Shining was released at a threshold moment in U.S. and U.K. history, when neoliberalism and neoconservatism had just taken over, and the Fordist organization of industrial production was ebbing away in favor of more precarious — and some have said “immaterial”—forms of labor”.

³⁰ Ver em <https://cutt.ly/cIouqJk>.

³¹ Mais em <https://cutt.ly/BIoul4E>.

³² Detalhes em <https://cutt.ly/jIouA1X>.

³³ Sobre essa relação entre plataformas de trabalho e jogos, ver o artigo <https://cutt.ly/CIoiQPh>.

5. Considerações finais

Começamos este percurso com a frase de Marx e Engels de que um espectro assombrava a Europa e pensando que parecia que o espectro de nosso tempo eram o desemprego e, conseqüentemente, a fome. Só que o espectro de Marx e Engels era algo contra o qual seus inimigos conjuravam e não parece ter ninguém conspirando contra o desemprego. Mesmo os grandes empresários já cogitam a existência de uma renda básica universal com a qual as pessoas possam sobreviver mesmo que não tenham emprego. O espectro mencionado no século XIX também poderia ser tido como uma lenda, mas como os números apresentados no início deste trabalho demonstraram, o desemprego se mostra muito real para ser considerado uma lenda. Além disso, mesmo entre as pessoas empregadas, o quadro de fome ou insegurança alimentar persiste, demonstrando que o problema pode não estar relacionado ao desemprego em si.

Continuamos o trabalho tentando entender o que seriam espectros, fantasmas ou assombrações e percebemos que o fantasma precisa ser algo que existe, ainda que de forma imaterial. Mais que isso, os fantasmas existem no plural e não no singular, são uma tentativa de nos tocar, de mostrar a ausência da consciência sobre algo que é importante, que alguém tentou esconder, mas que está lá, embora nem todos consigam perceber. O espectro também é mídia, mídia que precisa de mídia para se comunicar, mídia que é emissor e canal de comunicação, que é agenciamento, que se comunica ao mesmo tempo em que tenta esconder, que se faz sentir quando não pode falar. Essa ausência de voz que faz o fantasma tentar se expressar mesmo que não queiramos ouvir faz dele um subalterno, uma classe sobre a qual se quer falar, mas para a qual não é deixado espaço de fala. Ainda que seja imaterial, o fantasma não é invisível: ele é bem visível, mesmo que de forma inicialmente turva, e é essa visibilidade, essa presença que inquieta, que assombra. O fantasma não é o desemprego, é o próprio trabalho em sua versão imaterial, é o trabalhador. E ele nos assombra não por sua ausência, mas pela necessidade de sua presença e pelas formas desiguais e subalternas através das quais ela se apresenta atualmente em nossa sociedade. Ou não nos assombra, já que nem sempre conseguimos perceber sua presença. A assombração é uma lembrança e às vezes preferimos esquecer. É natural que tenhamos dificuldade de perceber, que tendamos a esquecer, como o próprio audiovisual nos ensina: tanto em “O sexto sentido³⁴” como em

³⁴ Enredo em <https://cutt.ly/wIoErmo>.

“Os outros³⁵”, ambos filmes da virada do último século para o atual, o fantasma demora a se perceber como fantasma. Mas isso não muda nossa condição. Somos trabalhadores, somos subalternos, somos fantasmas. Espectros não nos assombram, mas deveriam assombrar.

REFERÊNCIAS

3 NÚMEROS que mostram o impressionante aumento da fome na América Latina. In: **BBC**. Disponível em <https://cutt.ly/XIqAkna>. Acesso em 10 jan 2022.

ALVARENGA, Darlan, SILVEIRA, Daniel. **Desemprego cai para 12,6% no 3º trimestre, mas ainda atinge 13,5 milhões, aponta IBGE**. Disponível em <https://cutt.ly/sIqYGZA>. Acesso em 10 jan 2022.

ASSOMBRAÇÃO. In: **Google (definições de Oxford Languages)**. Disponível em <https://cutt.ly/YIqMssT>. Acesso em 10 jan 2022.

CONSUMO de pé de galinha em alta e outros cinco dados que revelam retrato da fome no Brasil. In: **BBC**. Disponível em <https://cutt.ly/eIqP1wN>. Acesso em 10 jan 2022.

ESPECTRO. In: **Google (definições de Oxford Languages)**. Disponível em <https://cutt.ly/WIqNHOq>. Acesso em 10 jan 2022.

FANTÁSTICO. **Fila para conseguir doação de ossos é flagrante da luta de famílias brasileiras contra a fome**. Disponível em <https://cutt.ly/rIqOdHF>. Acesso em 10 jan 2022.

FELINTO, Erick. **Imagens que matam: o imaginário do pânico midiático no novo cinema oriental**. Disponível em <https://cutt.ly/7IrLJ9X>. Acesso em 7 jan 2022.

FISHER, Mark. **What is Hauntology?** Disponível em <https://cutt.ly/hIwwhgy>. Acesso em 6 jan 2022.

GORDON, Avery F. **Ghostly Matters: Haunting and the Sociological Imagination**. 1. ed. Minneapolis/London: University of Minnesota Press, 2008. 253 p.

HAROLD Laswell. In: **Wikipédia, a enciclopédia livre**. [São Francisco, CA: Fundação Wikimedia], 2022. Disponível em <https://cutt.ly/GIrCjKI>. Acesso em 11 jan. 2022.

³⁵ Conheça em <https://cutt.ly/CIoEbU0>.

LAZZARATO, Maurizio, NEGRI, Antonio. **Trabalho Imaterial: formas de vida e produção de subjetividade**. 1. ed. Tradução de Mônica Jesus. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. 108 p.

MARX, Karl, ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista**. Traduzido por Álvaro Pina. 4. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005. 255 p.

O SEXTO sentido. In: **Wikipédia, a enciclopédia livre**. [São Francisco, CA: Fundação Wikimedia], 2021. Disponível em <https://cutt.ly/wIoErmo>. Acesso em 12 jan. 2022.

O SHOW de Truman. In: **Wikipédia, a enciclopédia livre**. [São Francisco, CA: Fundação Wikimedia], 2022. Disponível em <https://cutt.ly/cIouqJk>. Acesso em 12 jan. 2022.

OS MORTOS entre aparições, assombrações e outras danações, 2021. 1 vídeo (1 h 45 min). Publicado pelo canal Escola de História Unirio. Disponível em <https://cutt.ly/kIq1RAX>. Acesso em 7 jan 2022.

OS OUTROS. In: **Wikipédia, a enciclopédia livre**. [São Francisco, CA: Fundação Wikimedia], 2022. Disponível em <https://cutt.ly/CIoEbU0>. Acesso em 12 jan. 2022.

PARIKKA, Jussi. **What is Media Archaeology?** 1. ed. Cambridge: Polity Press, 2012. 205 p.

SCONCE, Jeffrey. **Haunted Media: electronic presence from telegraphy to television**. 1. ed. Durham: Duke University Press, 2000. 258 p.

SILVEIRA, Gabrielle Granadeiro. **Coronavírus e novas formas de precarização do trabalho**. Disponível em <https://cutt.ly/CIoIQPh>. Acesso em 12 jan. 2022.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. 133 p.

TELEGRAFIA. In: **Wikipédia, a enciclopédia livre**. [São Francisco, CA: Fundação Wikimedia], 2021. Disponível em <https://cutt.ly/IIrG34>. Acesso em 12 jan. 2022.

TEORIA da informação. In: **Wikipédia, a enciclopédia livre**. [São Francisco, CA: Fundação Wikimedia], 2021. Disponível em <https://cutt.ly/sIrVW84>. Acesso em 11 jan. 2022.

THE Shining. In: **Wikipédia, a enciclopédia livre**. [São Francisco, CA: Fundação Wikimedia], 2020. Disponível em <https://cutt.ly/RIi6LGX>. Acesso em 12 jan. 2022.

WESTWORLD. In: **Wikipédia, a enciclopédia livre**. [São Francisco, CA: Fundação Wikimedia], 2022. Disponível em <https://cutt.ly/BIoul4E>. Acesso em 12 jan. 2022.

WRECK-IT Ralph. In: **Wikipédia, a enciclopédia livre**. [São Francisco, CA: Fundação Wikimedia], 2022. Disponível em <https://cutt.ly/jIouA1X>. Acesso em 12 jan. 2022.